

Monteiro Lobato e o “Grande Opilado”: cartas a Alberto Rangel

Prof. Dr. Emerson Tin¹ (FACAMP)

Resumo:

Em dez cartas e cinco anos de correspondência (1919-23), Monteiro Lobato (1882-1948) traça a Alberto Rangel (1871-1945) – que, membro do corpo diplomático brasileiro, vivia então na França –, com pinceladas de vários matizes, um retrato do Brasil. Desde o convite a Rangel para colaborar na Revista do Brasil, formulado na primeira carta, de 06 de janeiro de 1919, passando pelas discussões em torno dos artigos a serem publicados naquele periódico, até a derradeira mensagem, de 09 de junho de 1923, Lobato desenvolve a tese de que “o Brasil é uma delícia... de longe” – alusão óbvia à condição de exilado voluntário de Rangel. Pretende-se, assim, analisar essa correspondência – depositada no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro –, apontando como Lobato retrata o país como o “Grande Opilado”, maneira como alcinha o Brasil em carta de 09 de abril de 1919.

Palavras-chave: cartas brasileiras, correspondência, Monteiro Lobato, Alberto Rangel

As dez cartas de Monteiro Lobato a Alberto Rangel² cobrem um período de quase cinco anos, desde a primeira delas, enviada a 06 de janeiro de 1919, até a última, datada de 09 de junho de 1923. Redigidas durante o período áureo do editor Monteiro Lobato – cuja atuação no meio livreiro se daria entre os anos de 1918 e 1925 –, as cartas obviamente tratam, entre outros, de assuntos editoriais. A primeira delas, nesse sentido, é exemplar do trabalho de Lobato como editor, convidando o destinatário à colaboração e divulgação dos trabalhos da *Revista do Brasil* e da Editora:

Deu-nos grande prazer a sua entrada para o rol dos assinantes da “Rev. do Brasil” e no-lo dará em tresdobro a sua entrada para o rol dos colaboradores. A “Rev. do Brasil” é uma quixotada que reincide. Já foi a Rev. Brasileira em suas várias fases. É hoje a nova tentativa. Felizmente desta vez os moinhos de vento foram vencidos. [...] Havemos de vencer. Para isso pedimos o concurso de quantos tem no sangue uma parcela de sangue do manhego – e são mais do que se supõe. Pedimos aos amigos a contribuição duma simpatia ativa, resumida praticamente em recomendá-la aos seus conhecidos de modo a alistá-los sob as nossas bandeiras. Agora que tivemos a felicidade de nos pormos em contato com um espírito dos que mais honram o nosso país, merecendo dele uma carta que é um prêmio, fazemos questão de ver nossas páginas iluminadas pelas suas fortes idéias. Contamos com a colaboração do autor do INFERNO VERDE³. Porque não nos manda um capítulo do livro a sair⁴? Seria um bom meio de anunciar ao Brasil a nova manifestação da sua pujante individualidade mental.

É curioso notar que Lobato identifica-se, e identifica o seu destinatário, com a figura de D. Quixote – o “manhego” que venceu os “moinhos de vento” –, numa tentativa de captar a benevolência do destinatário. A mesma imagem encontramos numa carta de Lobato a Antonio Sales:

Como é difícil encontrar os verdadeiros amigos da Revista! Como se erra na apreciação dos homens! Quanta trapaça! Quanto calote! Não obstante a idéia caminha, e hoje uma, amanhã outra, vou congregando em torno da Revista todas as boas vontades em que ela se alicerçará. Quixotada? Que importa! As mais belas coisas do mundo têm saído de D. Quixote.⁵

Outra prática comum do editor Monteiro Lobato que encontramos nas cartas a Alberto Rangel é a sugestão de mudança de títulos de livros. É ao que considera um mau título que atribuiria a baixa vendagem do romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em carta a Lima Barreto datada de 23 de novembro de 1919: “O teu livro sai pouco, sabe por quê? O título! O título não é psicológi-

camente comercial. Um bom título é metade do negócio. Ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido.” (BARRETO, 1998, p.263) Ou então a Cesídio Ambrogi, para a publicação de seu livro de poesias:

Recebi tua carta e o livro, que já li quase todo com grande encanto. [...] Quanto a editá-lo, apesar de estarmos aqui entupidos de serviço, faço questão de fazer o livro numa linda edição. Não acho bom o título; um tanto pretensioso. Precisamos descobrir um melhor. Os títulos femininos são os melhores; falam à libido do homem – e forcem a saída. *As Moreninhas*, ótimo título. Ou coisa assim, que dê a entender que há mulheres lindas dentro.⁶

O mesmo procedimento aparece em carta a Alberto Rangel, datada de 09 de junho de 1923:

Lume e Cinza! Linda coisa deve ser! De mau título, porém. Nosso povo leitor avança de preferência em livros de títulos femininos. Imagina logo que há uma mulher dentro que faz das suas. Sou freudista, e aplico a teoria do alemão na capa dos livros. Título é o primeiro contato e se fala à libido do freguês ele logo o compra. Não imagina como saem mais os livros de títulos mulherengos que os de títulos másculos, ou abstratos. Se eu escrever uma tabela de logaritmos, um dia, hei de intitular: Aventuras de uma semi-írmã. E derroto o Callet⁷.

Mude o título do *Lume*. Ponha, p. ex., *As mulheres do Landou*, e o livro sairá 5 vezes mais. A objeção de que tal título nenhuma relação tem com a obra, não procede. Título é nome, é designação. E que relação tem os nomes próprios com as pessoas que o trazem? Eu sou José, como poderia ser João ou Antonio. V. é Alberto como seria Teodoro. Porque mudar de sistema ao passar de homem a livro?⁸

Mas talvez o mais importante a ressaltar nessa correspondência seja o retrato do Brasil traçado por Monteiro Lobato a Alberto Rangel. Este residia na França e, na condição de exilado voluntário – Rangel era membro do corpo diplomático brasileiro –, constituía-se no destinatário ideal para que aquele traçasse suas críticas à terra e ao povo.

Como seria de se esperar, diante da condição de editor do remetente, as primeiras pinceladas se referem aos hábitos de leitura do povo brasileiro. É o que lemos, já na primeira carta, a 06 de janeiro de 1919:

O analfabeto de 8 milhões de k. quad. já lê um pouco mais e a prova é que a revista nasceu e prosperou durante a guerra no período mais calamitoso que jamais tivemos para a indústria que depende do papel importado. Está já no seu terceiro ano, e tira 5.000 exemplares, o que é um assombro para este país. Isto nos leva a supor que está definitivamente criada e enraizada a primeira revista séria do Brasil.

Poucos meses depois, a 27 de junho do mesmo ano, Lobato voltaria à carga, carregando um pouco mais nas tintas ao esboçar um perfil do leitor brasileiro:

O leitor brasileiro é um pasmado cerebral que se cansa ao menor esforço e só lê a quem seria as idéias uma a uma, devagar, na andadura. O trote, o galope, as inversões, as alusões, a metáfora repetida, o seu estilo de ofensiva fulgurante que abrange tudo e marcha impetuoso com todas as armas em ação, pondo em jogo todas as ciências naturais, a história, a sociologia, a profecia, fazendo todas as aproximações, tonteia, estremunha o santo sossego da inteligência indígena. O processo associativo de suas idéias é complexo, é rápido demais para a nossa debilidade. Só lhe dão o verdadeiro valor os que aprendem a ler a sua língua. É uma coisa tão nova em nossa literatura que é “outra coisa”. Requer aclimação. Daí os mais disparatados juízos a seu respeito. Um deles: estilo de engenheiro. Outro: Euclides da Cunha “agravado”. Este asneirão é corrente, e explicável. De relance, à primeira impressão, quem abre um livro seu aproxima o estilo ao de Euclides. Uma frequência maior e mais atenta mostra o erro. De comum tem ambos que ambos são “estranhos” no nhenhênhem em que vinham desde Alencar. Num céu todo estrelas re-

dondinhas, cor de céu, Euclides surge estrela “diferente”, diferente no brilho, na forma, na cor, na formação. A. Rangel é a segunda “diferença” que brilhou em nosso céu. Daí o aproximá-los. Acima disse: Euclides “agravado”. Por isto entendem as qualidades de Euclides levadas ao excesso, ou aos últimos desenvolvimentos. Porque tinha este sentido especial, [ilegível] a palavra. Seus leitores não são muitos, mas os que aprendem a lê-lo são-no de veras, e desses que fazem o supremo consolo dum artista. E como a sua obra cresce, o número deles já avulta, e formam entre si como uma irmandade. Assim também aconteceu com Euclides, que não será coisa popular. Isso é um bem para o artista, dada a sujeira de popularidade, mas é um mal para o país. O povo só lê Eschich e literatura policial. Os nossos autores não o influenciam de maneira nenhuma. Eu, se tivesse gosto pela carreira das letras e fosse dedicar-me a ela, iria escrever exclusivamente para o povo, este nosso pobre e miserável povo a que a intelectualidade brasileira não liga a mínima importância, e que no entanto anseia por ter “línguas”. Vi isso com os meus contos, dos quais tirei 11 milheiros em dez meses, e que, estou vendo, terão a 5ª edição inda este ano. Não será um erro nosso este permanecer segregado, em torre de marfim?

E ainda a 20 de dezembro de 1920: “Só há uma classe que lê: as crianças. Isso enriquece os editores de livros infantis. Passada a idade de 10 anos o brasileiro não abre mais um livro até morrer”.⁹

Nesse mesmo sentido, acrescentando-se os comentários sobre sua atuação como editor, lemos na carta de 28 de outubro de 1921:

Organizei um aparelho distribuidor, um sistema circulatório do livro, que o leva já a 460 revendedores, quer dizer, a todas as cidades do Brasil onde exista uma pequena dose de curiosidade literária. Este ano já lancei no mercado uns 120.000 volumes, e chego ao fim com 150 milheiros. Dos meus já produzi, de 1918 para cá, 114.000 e tenho no prelo mais 10.000 a saírem. Parece à primeira vista absurdo, mas dada a organização que dei ao negócio, o absurdo é ter saído apenas isso. O nosso lema comercial é: fazer o livro desabar sobre o nariz de todos os leitores possíveis e prováveis do país inteiro. Não esperamos que ele venha a nós: vamos a ele com o livro em cima. Agora iniciei o livro popular, a Coleção Brasília, onde dou obras modernas, completas, ao preço de 1.500, com tiragens mínimas de 5.000, e estou com grande fé nessa penetração à força de preço barato. Quando tiver um livro de contos, experimente a nossa casa, e peça-nos as condições.

Numa carta manuscrita sem data – que deve ser anterior a abril de 1920, devido à alusão ao texto “Bucho de piaba”, de Alberto Rangel, que seria publicado na *Revista do Brasil* naquele mês e ano –, Lobato retoca seu retrato do Brasil abordando uma outra faceta – a língua brasileira:

Ando pensando em tratar com uns filólogos vagabundos daqui, que andam a lamber embira, a feitura do Dicionário Brasileiro, onde se suprimam todas as palavras portuguesas que não têm uso no Brasil, e se introduzam todos os brasileirismos criados. Já é tempo de nos convenceremos que não somos colônia política e não há razão para sermos colônia mental. A língua portuguesa aqui é um absurdo. Um aldeão português, por exemplo, não compreende e não é compreendido por um sertanejo. Está, pois, criada a nossa língua brasileira¹⁰, está adulta, está vivinha e sadia – e não temos um dicionário nosso. Quis conhecer o significado de muitas palavras do Bucho de Piaba... e não consegui, porque só temos dicionários lusos. Que absurdo! E aqueles 40 cavalos que o Alves enriqueceu¹¹ não cuidam de coisa tão urgente! E que língua rica vai sendo a nossa! Nesta extensão territorial imensa, cada região, cada Estado, cada zona, a criar, a criar incessantemente! No entanto, a cavalaria alta, em vez de colher este ouro, fixá-lo, [ilegível], [ilegível], lavá-lo, cunhá-lo de vez, está idiotamente a atender a sentença de Cândido de Figueiredo¹² e outros papas de uma língua... estrangeira!

Há de chegar, entretanto, o dia, e nesse dia o seu nome terá redobrado fulgor, e a sua obra decuplicado valor, como o repositório, o maior de todos, da riqueza da nossa língua.

Entre uma crítica aos membros da Academia Brasileira de Letras e um elogio à linguagem de Rangel, Lobato acrescenta mais algumas pinceladas ao seu retrato do Brasil. Vemos aqui a idéia de registrar os usos de uma língua brasileira, já distante de sua matriz lusitana, em um dicionário. Contudo, o Brasil retratado por Lobato não se fixaria apenas em questões editoriais, de leitura ou de língua.

Ainda na carta inaugural, de 06 de janeiro de 1919, Lobato esboça, num tom que vai do pessimismo ao idealismo, o retrato de um Brasil em que, nas palavras de Paulo Prado (1997, p.203), “está tudo por fazer, nada se faz, e segundo a chapa corrente – não se sabe para quem apelar”:

Conheço as suas idéias; são as nossas; são as de quantos não desbotaram ainda na consciência. O Brasil fermenta como mosto de uva. Está à tona a espuma repugnante, mas pela lei do ritmo um vinhozinho passável se apura debaixo dela.

Trabalhamos todos que temos ideais e vergonha e brio e sangue de Quixote para dar *bouquet* a esse vinho...

O pessimista confunde fermentação com decomposição cadavérica¹³, mas nós idealistas, por eufemismo ou convicção, enxergamos no fenômeno um período crítico de fermentação apenas.

É o meio de não emigrar... Entretanto, mesmo encouraçados desta crosta de boa vontade, quantas vezes nos vêm o ímpeto de correr a uma agência de vapores e tomar uma passagem para fora, seja para onde seja, na ânsia de respirar a salvo da nossa miasmática atmosfera de ilha da Sapucaia!

Pobre país! Tem vícios irreduzíveis, desarranjos congeniais da medula...

Fiquemos, porém, por aqui. Máscara de gás asfixiante no rosto e toca para a frente, de olhos postos nas estrelas...

Mando-lhe, para lhe recordar a pátria distante, o meu último livro – um cogumelo brotado da terra, espontaneamente.

Está lançada, em germe, a tese que Lobato desenvolveria em cartas posteriores a Alberto Rangel: “o Brasil é ótimo para se ter saudades dele”. É o que se lê na carta escrita a 09 de abril de 1919:

Estamos cá em plena efervescência eleitoral. Por toda a parte ligas Pró-Rui e Pró-Epitécio, *meetings*, lugares comuns, retórica velha, pancadaria, arruaças. O Brasil é cada vez menos uma coisa séria. Isto falhou indecorosamente, e há de arrastar-se assim – vasto território estragado pelo fogo – até que o excesso de população europeia extravase, derrame-se pelo país inteiro como já se derramou em S. Paulo, e alije os resíduos lusos como os lusos alijaram tupis e aimorés¹⁴. O mundo é de quem pode e o brasileiro, oriundo do português, negro e não sei que mais, não pode com a gata pelo rabo. Que felicidade a sua, de estar longe daqui! O Brasil é ótimo para se ter saudades dele.

Mas deixemos em paz o Grande Opilado...

A tese é apresentada como o corolário de uma argumentação calcada nos últimos eventos da campanha para as eleições presidenciais de 1919, a partir da qual Lobato tece considerações sobre o destino *raté* do Brasil, originário, segundo o pensamento corrente da época, da miscigenação racial. Mas não é só: Lobato caracteriza o Brasil como o “Grande Opilado”. Nada mais significativo para um autor que conheceu a notoriedade a partir de um outro grande opilado: Jeca Tatu. Aliás, é importante lembrar que, por essa época, Lobato já havia passado a limpo¹⁵ a trajetória da personagem – a partir de suas experiências com os sanitaristas, relatadas em *Problema vital*, livro que reuniu os artigos que publicara no jornal *O Estado de S. Paulo* no ano de 1918 –, reconhecendo-a não como preguiçosa, mas como doente – como lemos na “Explicação desnecessária” à quarta edição de *Urupês*, de 1919:

Entra neste livro de contos uma caricatura que o não é, *Urupês*. A intrusa veio solver o tremendo problema batismal. E saiu-se bem.

Cumpre-me, todavia, implorar perdão ao pobre Jeca.

Eu ignorava que eras assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte.

Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorântão que outrora só via em ti mamparra e ruindade.

Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso que eu disse, sem tirar uma vírgula, mas inda és a melhor coisa que há no país. Os outros, que falam francês, dançam o tango, pitam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena dolorosa, para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu penoso trabalho, esses, caro Jeca, têm na alma todas as verminoses que tu só tens no corpo.

Doente por doente, antes como tu, doente só do corpo... (LOBATO, 1923, p.X-XI)

Assim, a caracterização do Brasil como “Grande Opilado” é rica de sentidos, pois tanto poderia remeter à realidade sanitária do país, entendido aqui opilado como aquele que padece da doença conhecida popularmente como amarelão, quanto à realidade econômica e social brasileira, considerando-se opilado em sua acepção de obstruído, congestionado.

Lobato retoma sua tese – “o Brasil é ótimo para se ter saudades dele” – e desenvolve-a na carta de 27 de junho de 1919:

Que felicidade a sua, de viver no exílio! Cada vez mais me convenço de que o Brasil é um país ótimo para se ter saudades dele. Como as montanhas, azul de longe, de perto bicharia. A função dos que fazem uso do seu cérebro e aqui residem resume-se hoje em verificar a marcha de um processo de decomposição. Apodrecem antes de amadurecer – e vivemos a nos tomar o pulso, põe e tira o termômetro, discute mezinhas, experimenta drogas americanas. Enquanto isso, o estrangeiro entra, assenta e conquista. Em S. Paulo, capital, a colônia brasileira é a menor de todas (não incluindo nela os filhos de pais estrangeiros ali nascidos por mero acidente), e a mais incapaz. Pelo interior, comércio e indústria, tudo que rende, passa rapidamente para as mãos do carcamano, que desprezamos, e do português, que chamamos burro. Caminhamos para a situação de párias dentro da própria pátria. A imprensa é cada vez mais portuguesa. Em todos os jornais mora no balcão um galego “burro” a mover as manivelas que fazem escrever o que a eles convém os nossos “inteligentíssimos” patrícios. De há muito que ando preocupado com a inteligência brasileira, a apregoadíssima, e cheguei à conclusão de que ela não passa da forma mais perniciosa da estupidez humana. E é lógico, pois só dá resultados desastrosos. A burrice do português dá-lhe vitória na vida. A inteligência do brasileiro dá-lhe derrotas. O grande conselho a dar aos brasileiros deve, pois, ser este: burrificai-vos! E que pobreza a nossa! Taubaté tem séculos de vida. Ontem vi num cartório autos de 1600 e tantos. Tem uma população urbana de 20.000 almas, municipal de 60.000. Pois não ata nem desata. Sempre na miquia. Já fundiu ouro aqui há séculos; hoje, ouro, só o que tiram do nariz. Já teve livraria; hoje, papel impresso, só bilhetes de loteria. Que felicidade a sua de assistir, de longe, longe do mau cheiro, à decomposição duma raça. O Brasil será, um dia, mas com elementos novos. Da crueza do português colonial com índio e negro, nada subsistirá dentro dum século. Provou mal a liga. Não resiste à concorrência do europeu adventício no parigato¹⁶ da vida. Expira sempre.

A idéia exposta por Lobato – a de que a “liga” racial brasileira não deu certo – aparece também no *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado. Contudo, Prado (1997, p.193-4) não é categórico, deixando que o tempo solucionasse a dúvida que tinha a respeito do assunto:

O mestiço brasileiro tem fornecido indubitavelmente à comunidade exemplares notáveis de inteligência, de cultura, de valor moral. Por outro lado, as populações ofe-

recem tal fraqueza física, organismos tão indefesos contra a doença e os vícios, que é uma interrogação natural indagar se esse estado de cousas não provém do intenso cruzamento das raças e sub-raças. Na sua complexidade o problema estadunidense não tem solução, dizem os cientistas americanos, a não ser que se recorra à esterilização do negro¹⁷. No Brasil, se há mal, ele está feito, irremediavelmente: espere-mos, na lentidão do processo cósmico, a decifração do enigma com a serenidade dos experimentadores de laboratório. Bastarão cinco ou seis gerações para estar concluída a experiência.

Eliana de Freitas Dutra (2000), num artigo sobre o *Retrato do Brasil* de Paulo Prado, defende que

nas suas idas e vindas na avaliação da mestiçagem – na qual admite, entre os mestiços, destaques de ‘inteligência, cultura e valor moral’ –, os argumentos de Paulo Prado acabam por se dobrar frente às doenças, vícios e fraquezas física e moral decorrentes do cruzamento racial. Seus impasses guardam certa afinidade com os que foram vividos, por exemplo, por Silvio Romero na virada do século, ou com os que dividiam os intelectuais que, nos anos 20, se debatiam a propósito das relações entre eugenia, raça e higiene.

E acrescenta: “Nesse debate estão envolvidos nomes expressivos da intelectualidade da época, a exemplo de Roquete Pinto, Monteiro Lobato, Belisário Penna, Azevedo Amaral, entre outros”.

Nesse sentido, podemos lembrar a excelente síntese apresentada por José Murilo de Carvalho (1998):

Ao final da Primeira República, Paulo Prado produziu uma das mais pessimistas visões do brasileiro. Todos conhecem a primeira sentença de seu *Retrato do Brasil*: “Numa terra radiosa, vive um povo triste”, marcado pela cobiça e pela luxúria. A avaliação de Prado é a mesma do poeta irlandês Thomas Moore, que visitou a América no início do século XIX. Rejeitando a visão negativa da natureza americana, Moore insiste, no entanto, no pessimismo quanto à população: à grandiosidade da natureza correspondia uma população selvagem, fraca, repugnante, idiota.

Podemos concluir, com Octávio Ianni (2002, p.181), que

cada interpretação do Brasil nasce de um dado clima intelectual, envolvendo questões e tensões que flutuam no ar e desafiam uns e outros. O clima que Sérgio Buarque de Holanda traduz no desenho de o “homem cordial” é o mesmo em que se gestou “Macunaíma”, “Martim Cererê”, “preguiça”, “luxúria” e “Jeca Tatu”, conforme os escritos de Mario de Andrade, Cassiano Ricardo, Paulo Prado e Monteiro Lobato, entre outros.

A tese de que “o Brasil é ótimo para se ter saudades dele” é repisada por Lobato na carta de 20 de dezembro de 1920, numa nova formulação:

Cada vez me convenço nisso: o Brasil é uma delícia... de longe. É tão ruim isto que nenhum povo imperialista quer saber de conquistá-lo e beneficiá-lo com uma colonização como a que faz em África. É pulha, pulha até o tutano. Para livros, então, um desastre.

Lobato chega ao ponto de, no trecho acima, beirar o absurdo: o país seria tão ruim que nem mesmo poderia ser alvo de interesses imperialistas.

Na penúltima carta do conjunto, datada de 11 de março de 1923, Lobato noticia o falecimento de Rui Barbosa, ocorrido em Petrópolis a 1º de março daquele ano, e aproveita o necrológio para um retoque ao retrato do Brasil pintado por ele:

Aqui, trabalho, câmbio baixo, revolução, caos político: a encrenca sempiterna. Foi-se o Rui – e o Brasil está com cara de asno. Era ele quem decidia tudo em última instância. Agora, tudo se decidirá no juízo de paz. Fica o país, afinal, com o juízo

que merece. Rui scandalizava o Brasil. Era um pico. Mas afora o pico só havia o sopé – o corpo da montanha não existia. Um escândalo de lesa corografia.¹⁸

Lobato não emigrou nesse momento. Passariam ainda quase cinco anos para que visse o Brasil como uma “delícia... de longe”. Apenas em 1927, nomeado adido comercial em Nova Iorque, Lobato assumiria também a condição de exilado voluntário e, assim, passaria a enxergar diferentemente o Brasil.

Referências Bibliográficas

- [1] BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- [2] CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jun. 2008.
- [3] DUTRA, Eliana de Freitas. O Não Ser e o Ser Outro. Paulo Prado e seu *Retrato do Brasil*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, 2000, p.233-52. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/20.pdf> Acesso em: 06 jun. 2008.
- [4] ENTREVISTA de Sylo Soares, concedida ao Projeto Memória do Ministério Público do Rio Grande do Sul em 23 de agosto de 2000. Disponível em: http://www.mp.rs.gov.br/areas/memorial/anexos_noticias/sylo_soares.pdf Acesso em 07 jun. 2008.
- [5] IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, jan./jun. 2002, p.176-87.
- [6] LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.101-5.
- [7] LOBATO, Monteiro. Cartas a Alberto Rangel (Arquivo Nacional, Fundo Alberto do Rego Rangel).
- [8] _____. Carta a Antônio Sales (Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa, Col. AS / Cp 139 – fl. 3-4-5-6).
- [9] _____. Carta a Cesídio Ambrogi. Cópia xerográfica de manuscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo (pasta 33A, documento 3687).
- [10] _____. *Monteiro Lobato Vivo*. Seleção e organização de Cassiano Nunes. Rio de Janeiro: MPM Propaganda, Record, 1986.
- [11] _____. *Urupês*: contos. 9ª ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1923.
- [12] PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a tristeza brasileira. 8. ed. Organização Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Autor

¹ **Emerson TIN, Prof. Dr.**
Faculdades de Campinas (FACAMP)
emersontin@gmail.com

² As cartas de Monteiro Lobato a Alberto Rangel estão depositadas no Fundo Alberto Rangel do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Caixa 13, Pacote 8).

³ Talvez o mais importante livro de Alberto Rangel (1871-1945), *Inferno Verde* teve sua primeira edição em 1908, com prefácio de Euclides da Cunha (1866-1909).

⁴ Trata-se, possivelmente, do livro *Quando o Brasil amanhecia: fantasia e passado* (Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1919).

⁵ Carta a Antônio Sales, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa (Col. AS / Cp 139 – fl. 3-4-5-6).

⁶ Carta a Cesídio Ambrogi. Cópia xerográfica de manuscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo (pasta 33A, documento 3687).

⁷ Jean-François Callet (1744-1799), matemático francês, autor de uma *Tábua de logaritmos*, obra considerada das mais exatas e abrangentes do gênero.

⁸ Carta de Monteiro Lobato a Alberto Rangel (Arquivo Nacional, Fundo Alberto Rangel, Caixa 13, Pacote 8). *Lume e cinza* saíria pela Livraria Científica Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1924.

⁹ Não seria abusivo comparar o retrato do Brasil traçado por Lobato para Alberto Rangel e o *Retrato do Brasil* pintado por Paulo Prado em 1928. Também ali Paulo Prado (1997, p.203) reflete sobre os hábitos de leitura do brasileiro: “não se publicam livros porque não há leitores, não há leitores porque não há livros”.

¹⁰ É importante lembrar que, para Lobato, a pátria é a língua, como afirmou, por exemplo, na carta a Hernani Ferreira, datada de 27 de janeiro de 1947: “Pátria é a língua, nada mais” (LOBATO, 1986, p.72-4); ou na carta a Cândido Fontoura, datada de 1º de fevereiro de 1947: “Pátria é a língua. Nostalgia é apenas a saudade de língua” (Fundo Monteiro Lobato, CEDAE-IEL-UNICAMP, MLb 3.1.00192cx4).

¹¹ Alusão aos 40 membros da Academia Brasileira de Letras, legatária da fortuna do livreiro Francisco Alves (1848-1917).

¹² Antônio Cândido de Figueiredo (1846-1925), filólogo e escritor português, autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1899.

¹³ O tom de Lobato em sua carta se assemelha ao adotado, quase uma década depois, por Paulo Prado (1997, p.210-1) em *Retrato do Brasil*, ao refletir sobre os rumos do país: “Em meio desse cataclismo em preparo, que papel caberá ao Brasil? O da mais completa ignorância do que se passa pelo mundo afora. Dorme o seu sono colonial. Ainda acredita no embalo dos discursadores, nas teorias dos doutrinários e na enganadora segurança dos que monopolizaram, pela fraqueza dos indecisos, as posições de domínio e proveitos. Não vê o desastre que se aproxima; não vê o perigo de estarmos à margem dos grandes caminhos mundiais da navegação e da aviação; não vê que a terra se tornou pequena demais para os imperialismos, pacíficos ou guerreiros – e que é um paradoxo a laranjeira à beira da estrada, carregada de laranjas doces... Apesar da aparência de civilização, vivemos assim isolados, cegos e imóveis, dentro da própria mediocridade em que se comprazem governantes e governados. Neste marasmo podre será necessário fazer tábua rasa para depois cuidar de renovação total.”

¹⁴ Guardadas as distinções necessárias, o trecho parece se assemelhar à exposição de Paulo Prado (1997, p.191-2) sobre o que ele chama de “problema da mestiçagem”: “Os americanos do Norte costumam dizer que Deus fez o branco, que Deus fez o negro, mas que o Diabo fez o mulato. É o ponto mais sensível do caso brasileiro. O que chama a arianização do habitante do Brasil é um fato de observação diária. Já com um oitavo de sangue negro, a aparência africana se apaga por completo: é o fenômeno do *passing*, dos Estados Unidos. E assim na cruz contínua de nossa vida, desde a época colonial, o negro desaparece aos poucos, dissolvendo-se até a fala aparência de ariano puro”.

¹⁵ Cf. LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.101-5.

¹⁶ “Parigato é uma expressão que quer dizer como ‘parto de gato’, com muitas crias” (Entrevista de Sylo Soares, concedida ao Projeto Memória do Ministério Público do Rio Grande do Sul em 23 de agosto de 2000. Disponível em: http://www.mp.rs.gov.br/areas/memorial/anexos_noticias/sylo_soares.pdf Acesso em 07 jun. 2008).

¹⁷ Esse é justamente o ponto central do romance de ficção científica publicado por Monteiro Lobato em 1926, dois anos antes do *Retrato do Brasil: O choque – Romance do choque das raças na América no ano de 2228*, que viria a ficar mais conhecido pelo seu título posterior, *O presidente negro*.

¹⁸ Na mesma carta, Lobato alude ao autor de *Retrato do Brasil*: “Conhece Paulo Prado? É ele agora quem dirige a *Revista*, e seu muito admirador. Recebeu de cara alegre a notícia de sua colaboração. Que ela não fique nisso, e se amiúde, são os desejos dele, meus e de todos quantos inda lêem cá na terra do sopé e pico.”